

ANNO I

SSABBADO 21 DE MARÇO DE 1868

N. 12



O JORNAL DA FOLHA

JOCO - SERIA - ILLUSTRADA

PUBLICA
REVISTAS, CARICATURAS, RETRATOS, MODAS,
VISTAS, MUZICAS, ETC ETC

ASSIGNA - SE

RUA DO OUVIDOR 59 SOBRADO

PREÇOS.

CORTE	PROVINCIAS
Um mês	25000 Semestre 112000
Trimestre	52000 Anno 212000
Semestre	105000 Avulso 500
Anno	205000

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedée Achard.

Primeira parte

(Continuação.)

Agora, a caminho ! gritou Carquefou.

Adriana erguera-se muito comovida, apoiou-se no braço de Armando e fechou os olhos para atravessar a sala sem ver os dois rios de sangue que n'ela corriam.

Cinco cavalos estavão ensilhados próximos á janelha. Peters ao lado d'elles. Num pateo contíguo ouvia-se um ruído confuso de vozes e de imprecções.

— São os bandidos que tantas armadas a porta ! murmurou Peters.

— Tua mão, meu amigo ! disse Carquefou estendendo-lhe a sua. E agora, a galope !

— Deus os proteja ! exclamou o pobre Peters.

E num turbilhão do pó sumirão-se os cinco cavalos.

Depois de atravessarem, sem resfolgo, cinco ou seis legas, por conselho do próprio Carquefou demoraria o passo.

— Não penseis por isso que estou muito tranquillo, disse-elle; é preciso deixar nossos cavalos respirarem um pouco á vontade. Ah, se me meterem n'outra igual, adeus de medo.

E tirando o chapéu da cabeça começou a abaná-lo com elle.

— Ora agora, conta-nos como te arranjaste para livrarnos dos muitos perigos que nos ameaçavão e arrancarnos tão bons rossins ? perguntou Reinaldo.

— Quocamppanha, Sr. marquez ! Hade de estar lembrado que fui com Domingos comprar duas espadas em casa do armeiro.

— Sim.

— Compradas elas, dirigimo-nos à casa de um boticario. Ali lancei sobre o balcão uma moeda de ouro e fiz brilhar uma lâmina de aço a duas pollegadas do nariz do domo da casa. Ele deixou-se conterver pelo duplo argumento e entregou-nos o narcotico que pedi; em dous pulsos regressei á estalajadeira, os lindidos estavão como sempre b-bebidos. Lembras-te ter visto lá te xangará-se.

um pobre coitado, que era muito maltratado por D. Gaspar, e a quem D. Matheus dava mais pontapés do que esmolas ?

— Peters ?

— Ele mesmo. Como já disse, era um moço sobre quem sempre contei. Fui ao seu encontro e pedi-lhe que nos livrasse primeiro do estalajadeiro, figurinha com que embrirei desde o principio, e que me parecia andar nas págidas do D. Gaspar como um menino de coto andava nos do capelão.

— És um herói, amigo Carquefou, e sê-l-o-has ainda que o não queires.

— Talvez ! Mas se os heróes são assim estão arranjados. Eu trouxa como uma criseira, quando ouvi falar em duendes. O bom Peters aceitou minha comissão e, para realizar-a logo, foi dizer ao estalajadeiro que D. Gaspar estava pedindo duas garrafas de certo vinho d'Alicante, que era guardado n'uma adega especial.

O estalajadeiro correu á adega.

Peters acompanhou-o até o alcapão, que fechou cuidadosamente, deixando o velho complice de D. Gaspar alguns palmos abaixo da terra.

— Bon! pregada peça ! bradou Reinaldo.

Carquefou prosseguiu :

— Feito isto, Peters veio ter comigo. Estava eu junto dos tais miúlos ; apresentei-lhes as duas espadas ; abraçárm-me, o, para festear minha boa estrela, ofereci-lhes douz pucarões de vinho, em que tinha posto em infusão o narcotico, e que Peters trouxe com um ar muito ingenuo. Babório como esponjas ! Instantes depois, dormiam uns, outros cambaleando. Domos então ás de villa Diogo, tefido o cuidado de fechar bem a porta.

— E Domingos ?

— Enquanto isto se passava, Domingos, guiado pelo mesmo Peters, se dirigira á estrebaria, onde escolhera o ensilhado os melhores cavalos. Domingos é um homem de muita ordem ! Para não ser incomodado durante o trabalho, escondia com toda a limpeza um soldado, que rondava a poucos passos.

— Is tudo ás mil maravilhas !

— Nem por isso. Alguns dos sujeitinhos, que tinhamos deixado tranquilos como mumias, não beberão tanto quanto eu desejava, por isso despertarão-se

(Continua na pagina 133)



Les dames de la Halle

*Mme. Madou :—Si je n'étais pas une femme comme il faut... je vous fêterais mon poing sur la goutte !
Mme. Bourrefondu :—Eh, bien ! Venez y donc, j'ai pas peur de vous !..*

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 21 de Março de 1868.

Não faltam notícias.

Depois da passagem dos monitores diante de *Curupaiti*, tiveram a tomada do *Estabelecimento e de Laureles* a passagem de *Humaitá*, a ida dos encourajados até *Assumpção* e a derrota dos inimigos que tentaram a bordar os encourajados; tudo isto no espaço de treze dias, de 10 de Fevereiro a 2 de Março!

E ainda há polêmicas de esquina, lobos paraguaios disfarçados com peles de ovelhas brasileiras, que "apregão terra marique", que as armas nacionais perdem um tempo precioso, sacrifício contos de vidas, e malhorão os dinheiros públicos, conservando inactivos seus imensos recursos, e proporcionando ao herói paraguaio mil ensejos de se cobrir de glória!

• • •

Heróis!

Heróis por que?

Porque tem coragem de occultar-se na hora do perigo atraç dos ultíssimos parodões de Passo Porci?

Porque tem a coragem de mandar seus valentes soldados commetterem imprudentes aggressões, em que tem a certeza que só podem sobir veículos, talados pela cavalaria, esmagados pela metralha?

Porque tem a coragem de sacrificar batalhões inteiros só para não continuar a ser incommodado por uma peça de 38 que o *Tayutiyá* arremessava projectéis nas imediações da sua casa do campo?

Porque tem a coragem de ordenar que um punhado de homens vá em canoas abordar um monitor?

Porque, depois de ver quão louca foi a primeira tentativa, tem ainda a coragem de mandar outras canoas abordarem á esquadra encouraçada?

Porque tem a coragem de mandar fusilar seus melhores generais para lançar sobre ellos a responsabilidade de seus erros?

Porque tem a coragem de mandar passar pelas armas o commandante de *Humaitá* para fazer crer que traiu sua pátria, e d'estarte marcar o brilho da nossa vitoria?

Porque tem, finalmente, a coragem de aniquilar um povo inteiro, de reduzir á miséria uma nação, exaurindo muitos sacrificios, e tão digna de melhor sorte?

Só Lopes é um herói, que são esses chefes brasileiros que abandonarão suas famílias, seus interesses, tudo! para correrem ao campo da guerra, onde sempre se mostrarião nos lugares do maior perigo, nos lugares em que a morte ceifa milhares de vida?

Só Lopes é um herói, que são Caxias, Herval, Triunpho e tantos outros?

* * *

O que acontece no Paraguai é o *sic vos non nobis* do poeta munitano.

Os soldados do Lopez rrogão e fertilisão com seu sangue o campo da batalha; entretanto quem faz a colheita de gloria — é elle e só elle!

* * *

Passando hontem os olhos por um *Charivari* do anno passado, deparei com um artigo, intitulado — *Torre de Babel*, no qual se descreveu uma baile *Mabille* no tempo da exposição universal.

O autor procurou mostrar que Paris estava por tal forma iugado de estrangeiros de todas as procedências, que os naturaes da velha Lotucia não podião pôr pé em ramo verde.

As casas mais luxuosas e commodes, os artefactos mais perfeitos, os melhores cavallos, o até o sorriso das bellas, tudo era para o estrangeiro!

Como prova, apresenta, entre outras, os dialogos que ouvio no *Mabille*.

Um parisense andá cata de um par de valsa; dirigisse a todas as suas conhecidas; esta vai dausar com um chinês, os'outra com um árabe, aquell'outra com um brasileiro. Os exóticos *partners* fallão só o seu idioma nacional; mas as *biches* parisienses comprehendem qualquer lingua, quando ella é fallada por quem tem dinheiro na carteira.

* * *

O que elles oellas dizido fez-me vir a valor. E para que o leitor faya ideia do como os jornalistas dê lá encher as columnas da imprensa diária, transcrevem o dia-logos do brasileiro com a parisienne:

Ella: Saímos d'aqui; ah! vem alguém que me persegue ha oito dias com declarações amorosas.

Ella: *Curako*!

Ella: Receio uma briga, porque só que é ferez coiu um tigre!

Ella: *Santa-Catharina! Preto Ouro!* (vociferou o brasileiro.)

ELLA : Tem paciencia ! Bem sabes que és meu unico amõe.

ELLE : Assura tortilla !

Comprehenderão os leitores ? Pois estú e que é a lingua que fallão nossos patrícios, segundoo o tal escriptor francez.

Em dias d'esta semana esteve exposto na Praça do Commercio um bellissimo quadro a óleo do Sr. Tomassini, representando a passagem do monitor — Alagons — sob as baterias de Homayatá.

E' um trabalho de mestre.

Na proxima semana fallaremos mais de espaço sobre elle.

Escrivem-nos de S. Paulo, com data de 12 do corrente :

« A companhia do Gymnasio não correspondeu á expectativa publica.

« Repetidas transferencias, pessoal numeroso, porem desigual, agiotagem na venda dos bilhetes, má distribuição de papeis, scenario improposito tudo correspondeu para arrefecer o entusiasmo dos frequentadores do teatro.

« A arte dramatica entre nós caminha a passos largos... como os cavallinhos no circo do Lamego.

« Sempre à rodo de um ferreo círculo de falsas influências, gestos impossíveis, trotes anachronicos, e imânares do teatro, corromp os artistas, afadiço-los... sem fazer o menor progresso.

« Ismenia tem sido aplaudida por meia duzia de estudantes de sangu na guerra. Adelsoide agrada sempre, apesar da posição secundaria a que foi reduzida pela validid d'el rei. Fortado Coelho ainda é o mesmo d'outrora ; um brillante bruto ! Sobra-lhe em talento o que lhe falta em escola.

« Martins é o tipo do verdadeiro artista comic, é a personificação da graça; Guilherme promete muito.

« Os outros, que vierão, homens mulheres, todos passados por um caldeirão não dão saoco para um artista.

« A Familia Benoiton agradou como comedie. Sua excentricidade mereceu graves censuras, menos no que diz respeito ás *bouilletes de ces dames*. Que luxo !

« Escrivo esta a vapor. Mais de espaço comunicarei á *Vida Fluminense* o que houver digno de nota. »

B. Josephina.

Quem não conhece D. Josephina ?

Pelo nome, devem todos conhecer que é um ente, não sobrehumano, mas pertencente ao sexo feminino, que tem dois olhos, duas orelhas, um nariz e uma boca, mais ou menos semelhante a muitas outras, que ha por ahi, e que bem podião ter outro nome, se, desde o tempo de Adão, não estiverse a humanidade acostumada a chamar — boca, — o que, ás avessas, será um cabu.

D. Josephina é uma das mulhereis privilegiadas da nossaboa e simplicia sociedade fluminense. Acostumada desde muito jovenzinha a ser tratada com alguma predilecção por todas as senhoras casadas, por isso que era filha de uma velha parteira, de arruda atraç da orelha, e de longo amarrado á cabeça, ninguem ainda hoje a encontrou nas ruas do Rio de Janeiro sem dizer-lhe alguma graca ou pedir-lhe uma resposta elistosa e adequada para os epigrammas, que os galatos, os satyricos e os que não são misantropos, lhe atirão de passagem.

D. Josephina, apesar de contar 78 annos, não usa oucos, come com todos os dentes que lhe ficarão, dorme quando tem sonno, acorda abrindo os olhos, cospe toma tabaco, engravato os cabellos com os unhas da mão esquerda para apontar una ou outra espazinha e... vive, porque ainda não morreu:

Essa interessante menina (porque nunca tomou estadia e é esta palavra a unica tradução para a francesa — *mademoiselle*) teve muitos apaixonados, que lhe dedicaram :

Alma, rida e coração.

Ria-se de todos esses bobos, porque assim devem ser chamados os preciosos ridiculos, que procurão namoradas em cada esquina ou nos portões das chácaras aos domingos. Era uma Spartana em questões de amor. Dizem as más linguas, que teve sempre uma grande aversão ao bixo, que Buffon alomhou — homem. Coitada ! Natureza especial e refractaria, desconheceu o doce sabor desse favo de mel, a que se atraio os que não são pécos !

D. Josephina mora em uma das melhores casas da nossa capital, e vesté-se com a elegancia de uma *piqueira*, sem nunca ter pertencido á muito alta e muito poderosa classe das amoldadoras das frequentadoras do templo de Gringo.

Mas é preciso entrar no assumpto desta pequena biographia.



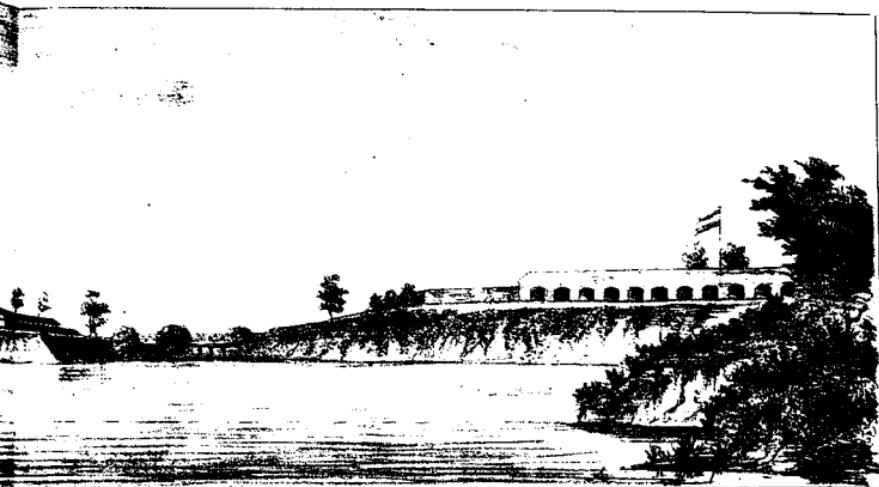
Igreja.

Tunel, corrente e chata que o sustém.

Vista de uma parte das baterias, fortificações e armazéns de Humaytá, usada



Vista das barraças e fortificações



Casamata de Londres.

...ais de bordo do encouraçado *Lima Barros*, no dia 5 de Setembro de 1867.



...de Curupeity, tomada de bordo do vapor *Príncipe*.

Houve um dia, de 24 horas que teve também noite, no qual entendem D. Josephina, que devia dar motivo para as palestras do Rio de Janeiro.

Sentou-se à uma mesa do trabalho e escreveram o seguinte :

« Amigo Redactor da *Vida Fluminense*. — Sei que precisa de um artigo para sua folha. Conheço essas necessidades. Ahi vai este e contente-se por esta semana. — Sua leitora e admiradora, D. Josephina. »

THEATROLOGIA.

CRONICA MUSICAL

El-dorado

Le Mari à la porte.

A França inventou a ópera-comédia. Offenbach criou a ópera-farça. São inovações felizes, que contam hoje um grande número de admiradores no mundo musical.

A razão explica-se : « a arte marchando sempre no mesmo terreno tornava-se monótona ; e o progresso trazendo dos povos não podia "mais suportar a monotonia em matéria artística".

A variedade (especialmente a variedade de estilos) tem sido e é exigida a tal ponto no seculo actual que, se espíritos audazes e vigorosos não invocarem em auxilio de suas obras essa lei, que por todo a parte se revela na natureza, o público, por melhor nusica que lhe dessem nos theatros, tel-o-há de ha muito abandonado.

Cimarosa, Spontini, Weber e outros mestres, verdadeiros ídolos da seu tempo, ainda hoje são reputados os sonhos-deuses da música, não há negalo ; mas é tal a sublimidade de suas obras que nem todas as pláticas estão ao alcance dellas, e escasseando artistas, que possam satisfatoriamente interpretá-las.

Tornava-se pois necessária uma revolução.

Foi Rossini o primeiro, que se empenhou na luta. O exito do grande compositor serviu de poderoso incentivo aos imitadores, que se não fizeram esperar.

Entretanto a grande ópera, apesar da transformação operada pelo celebre Rossini ainda não bastava.

A aristocracia e a parte ilustrada do publico estava satisfeita ; mas o povo exigia mais. Queria musica para si, musica que lhe alegrasse a alma, que lhe fizesse esquecer durante a noite as horas penosas do dia.

Foi então que a França inaugurou a ópera-comédia, invenção destinada a conquistar desde logo as sympathies de todas as camadas da sociedade.

Muita gente boa diz que as composições de Offenbach são verdaderas operas-comicas. Contudo ; e julgo não errar classificando-as de operas farças.

Toda a musica deve conter uma verdade : dizem os grandes críticos ; onde está a verdade nas *partituras* de Offenbach ?

Si o leitor já sentiu grandes componções ouvir o « *Orfeo* » ou a « *Bella Helena* », felicito-o.

Pelo minha parte echo aquilo bonito, original, e nada mais.

Contudo ha *operettas* num acto do maestro *a la mode*, quo encerra bellezas incontestaveis da instrumentação, certa originalidade de motivos de que só é capaz uma imaginação viva o brilhante.

Coloco a frente dellas o « *Mari à la porte* » onde, a par de trechos notaveis pela instrumentação e felizes na concepção, superabundão os ditos espirituosos de uma comedia fina.

Não é facil descrever a maneira como esta *operetta* foi cantada no theatro da rua d'Ajuda. Trazendo-se de uma *partitura* difícil pela *tessitura* dos cantos e pela velocidade de alguns *andamentos*, receei no principio que nem todos os artistas podessem dar conta do recado. Vô-se porém que á força d'estudo conseguiu um das coisas mais difíceis da arte; a perfeita entonação nos trechos d'*ensemble*.

Maria Dauran conta os seus triunfos pelas noites em que canta : « os triunfos merecidos são ellos, que do meu mimo não ouvia na voz tão sympathetic e fresca.

A valia (que segue apox o primeiro *duo*) é trecho dificílimo, se atendermos á vocalização, sempre entremeada de *fiorituri* e trilles diabolicos, e a *tessitura*, que é um verdadeiro trapezio de saltos ariscados, foi cantada com tanta graca e mestria que átati aquello sympathetic velhinho quo toca *violoncello* na orchestra exclamou : — louvio !

O publico... esse paga largamente á artistas os momentos do entusiasmo, que lhe deve, prodigializando-lhe aplausos freneticos e flores em profusão.

A continuarem assim as coisas nem eu sei se Maria Dauran voltará ao seu paiz com fortuna suficiente para pagar os direitos do importação das flores que levava do Brazil.

Triolier é um comic excellento e um magando da bom gosto. Na parodia do *Antony* do Alexandre Dumás é inexcedivel.

Arsène conchitas poderosamente para o exito da opereta, o...

Disse:

Um passeio no Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

IX

Era horas do jantar. A campa sotô pela segunda vez. Ambrosio levantou-se do divan abrindo uma faca capaz de engolir o diabo, o moleque, a negrinha e toda a geração do Dr. Semana! Espreguiçou-se todo e dirigiu-se para a sala de jantar, onde só esperavam por elle. Esperava-se sempre pela peior figura e foi assim. O velho empertigou-se todo e lá foi caminho da sala de jantar,

Opiaras iguanas afornescavão a mesa e via-se no lado do Jetão assado com seu raminho de salsa na boca, o clássico però recheiado de *farráf* (como muito gente bota, um pato colossal todo coberto de arroz do forno, meia dúzia de cuspidos e guizados, um pernão carneiro, gallininha de molho pardo e costelottas de vitela à milaneza.... Tudo isto excitou o apetite culinário do Sr. Ambrosio, que em um relance de olhos, passou em revista esse lourido *regimento*, deixando ver a pontinha vermelha da lingua, que lambia sequiosa as extremitades dos labios. Um sorriso de satisfação pairou-lhe então, estregou as mãos de contente e sentou-se no lugar que lhe tinha reservado, à cabeceira da mesa. Dentro em pouco, depois de servida a sopa, convecerão as maxilas no exercício da sua importantíssima função. Nada mais imponente que esse silêncio primitivo do jantar, só perturbado pelo inuir das colheres e pelo sussurrar monotônico da sopa, que alguns servem com tal força e avidez que causa náuseas!...

Deixemos agora os nossos heróis embobidos n'esses prazeres da mesa, que se traduzem tão clarissimo em todas essas phisiomônias ardentes. Tudo come!

Deixemos mesmo por momentos esse cochichar dos namorados, essas olhadellas tão curtas, tão vivas e tão profundas!

E de que valem os olhos d'essas meninas? Deixai-as...

Os menos? Esses sim! que são mais lindos, mais vivos e mais minúsculos e fôlio sempre do amor!

Transporte-se o leitor ao Calete em essa do magenta apparencia e da qual salte como por encanto um ligeiro *phoneton*, puxado por chibante cavalo branco, parente, mas muita longe, do colchonudo rossinante tão decantado por Gervais. Um homem alto e magro, com o rosto encoberto por barba e longa barba preta, guia o animal, que obedecê com *gaihardia* ao governo. O comandador, esse personagem da qual tratamos, leva a seu lado um elegante rapaz, moço, estrelado,

interessante e diplomato estrangeiro. Alberto é o seu nome.

Quando o *phoneton* atravessou a porta o encaminhou u so para Botafogo, 5 cabeças enfiarão-se pelas janelas da casa e 3 vozes unânimes saudarão a saída do comendador.

A amabilidade d'este responderão ao cumprimento dos outros e dentro em pouco desaparecerá aquele trem elegante. Dez minutos depois um *vis-à-vis*, como dizem os cocheiros, parou à porta d'essa mesma casa e cinco rapazes ocuparão logo.

O Dr. Moço Bonito, depois de muita cerimonia, entrou e sentou-se no fundo, por exigencia dos outros, tendo a seu lado Amaro Marques, homem dos seus 38 annos e ratao como seixante!

Fronte a este ficou João Braz, espero, alegre e de phisiomonia morlaza! Usa pena e bigode, fuma e morre por fzer a coto ás moças! Dansa como ninguem, faz exproprios diabolicos e é *meigneur*! X! Gomes, do qual já demos notícia, preocupado e inquieto, occupa o ultimo lugar.

Saque hispenthal engurgitá-lho as veias e por ahí faga o leitor ideia de quanto vale o rapaz!

Junto ao encabeiro sentou-se de commun acordo, Ajax, moço de seus 20 annos quando muito.

O Dr. Moço Bonito.... é rapaz alto e elegante, usa pinches, pentes-sá á artista, folla pouco mas... diz minuto! N'essa tarde estava triste, aborrecido ou contrariado; preocupaõa-lhe uma idea fixa e accedera á viagem como meio de desafogar-só e respirar mais livre. Esta seticada excitou mais de um dito espirituoso dos rapazes, que estavão com o diabo no corpo!

O carro moveu-se rapidamente e a fumaça de tras chárutos elevou-se em espirais pelo ar. Chárutos bem quebra-quizes, bem subaquecidos é que mais excitavão o todo de nosso Dr. O comandador ia longo e levava sobre o carro diferenças bem sensivel, tanto assim, que durante toda a viagem não lho foi vista a sombra.

Quanto o carro chegou o jardim e parou á porta do Hotel de Italia, já lá estavão o diplomata e o comendador, os quais, de anzol e canizo om punto, pesavão no riacho da quintal. Uma *hurrah* de prazer saudou os ilustres campeões.

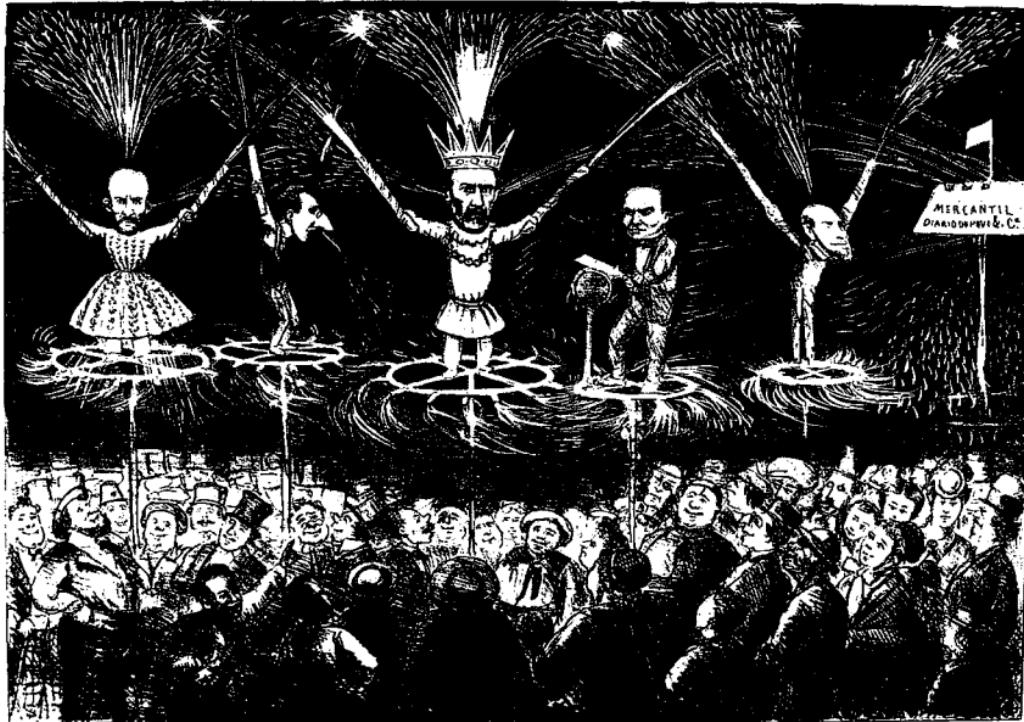
E n'esse mesmo instante um *coupé*, puxado por dous cavallos pretos, passou rapidamente pela porta do hotel. Uma cabeça de mulher esgueirouse pela portinhola e murquejo e um lenço de renda participarão também da curiosidade de sua dona.

O *coupé* sumiu-se e essa mulher, essa andalusa, fugiu aos olhos de todos.

Meio minuto depois desapareceu, como por felicemente, o nosso impagável Gomes....

Sao coisas que acontecem, como dizia o outro!

(Continua.)



Fogo de artifício... e de muito artifício!

Por ocasião da passagem de Humorista.

Os espectadores (em círculo): Fóra o fogueteiro! Fóra! A polvora está molhada! Fió! Fió!! Fió!!!...

— Ah, foi por isso que ouvimos aquelle barulho !

— Justamente. Então disse a Domingos: « depressa ! vão começar a quebrar a louça ! » Putors acompanhavam, puxando os cavallos. Tinhamos apenas andado uns vinte passos, quando vimos diante de nós dous fantomas immoveis, um debaixo da janella, outro em frente à porta da sala, em que estávamos. Domingos sacou logo da cinta a sua adaga. Tive, calafrios de medo, e para não assistir a scenas tão horríveis, disse-lhe a meia voz: « encarregue-to da porta, que eu conversarei com o da janella. Dous minutos depois, nem sei mesmo como foi ! os dous tratantes tinham passaporte para o outro mundo.

— Bravo ! exclamou Reinaldo.

— O resto sabes como foi. Só tenho a acrescentar que se não matassem tão depressa D. Gaspar e Matheus, eu desmaiava de medo ! Palavra de honra !

— És timido como uma donzela ! disse Reinaldo rindo.

CAPITULO IX

A TODA A BRIDA.

Ao amanhecer havíao os fugitivos chegado a uma moita perdida na extensa campina. Paráráo ; os cavallos estavão esbosados. Sendo o caminho deserto, resolverão descançar ali até á noite. D. Gaspar e Matheus morios, que mais não podião rejeçar ?

Quando começou a descorir o sol, Carquefou, que rondava sempre na franja da moita, viu-nos longe um cavaleiro a galope. Trepon n'uma arvore, para ver melhor e gritou:

— Com a breca ! E' Peters !

O cavalo espumando de cansaço, estacionante diante de Peters bradou :

— A caminho ! depressa ! Os bandidos ah ! têm !

Carquefou e Domingos trataram imediatamente de apertar as sásilhas dos cinco cavallos. Reinaldo, Armando e Adriana, prepararão-se n'um abrir e fechar de olhos.

— Ei-os que vem ! disse Peters. Pará !

— Queres vir connosco ? perguntou-lhe Reinaldo.

— Ah, meu señor ! Eu que vos poderia ser útil um pobre diabo molino e carecunda como eu ? disse Peters tristemente.

Os cincos fugitivos pularam sobre os cavallos. Uma nuvem de poeira aproximava-se com rapidez, seguiu-nos o leito da estrada em direcção á moita.

Do repente no meio da poeira brilhou uma luz e qua-

tro ou cinco balas assobiárono no ar. Peters deu um grito e caiu. Uma bala havia-lhe batido em cheio no peito. Armando quiz apoiar-se. Peters, com um gesto, dissuadi-o disso.

— Posso por acaso prestar-te ainda algum serviço ? perguntou Armando comovido.

Peters respondeu com voz sumida :

— E' tarde ! sinto que vou morrer. Pensai alguma vez no infeliz carcunda ! Eis quanto vos peço.

— Morre em paz ! Não te vingaremos ! disse Reinaldo com os olhos rasos de lagrimas.

Breve os fugitivos alcançáron a extremidade da moita. Os bandidos passáron diante de Peters agonizante, erodindo-o de celeridade.

Reinaldo deixou-se ficar atrás, conservando-se a pequena distancia do seu amigo. Por vezas voltava-se para ver em que distancia vinha os bandidos e murmurava :

— São apenas sete ou oito ! Ah, se a Sra. de Sauvigny não viesse connosco, que bonita rescenda vêa haveria !

E cada vez demorava mais o golpe desse ginetec, afastando-se assim de Armando.

Carquefou seguiu-o de perto.

— Se não chegar a perder sentido uma perna ou mesmo ambas, bom será ! dizia elle.

A luar, surgindo no horizonte, clareava a estrada. De repente, Reinaldo agarrando, no braco de Carquefou, bradou : « Olha ! » e com o dedo mostrou uma sombra escura que se approximava.

— O que é ? perguntou Carquefou.

— Não vós aquelle cavaleiro que corre com a rapidez do vento ?

— Sim ! Mas Deos, como é alto !

— Ah, so não tivese matado com minhas próprias mãos n'ol Matheus, julgaria que era elle !

Carquefou tremeu dos pés á cabeça e articulou com voz sumida :

— Se não é elle, é entô seu phantasma !

A sombra escure approximava-se cada vez mais; porém seu cavalo, já muito cansado, tropeçou o ombro; qui levantou-se e tornou a cair.

— Adeus, fantasma ! exclamou Carquefou cobrando animo.

Armando, Adriana e Domingos havião-se adiantado muito. Seus cavallos resfolgados galopavão com ardor. Os bandidos tinham-se dispersado como um bando de pernilzes; viu-se alguns muito longe, outros mais per-

lo, outros proximos ao cavalloiro escuru, enjô cavallo
asembava de cahir.

— Lembras-te da velha legenâa do Horacio e dos
tres Curiaceos? perguntou Reinaldo a Carquefou.

— Vegamente.

— Pois von pol-a em pratica, para ta ensinar hem.
Infelizmonio só te posso apresentar douz Curiaceos.

Dito isto, Reinaldo deu do rodos subitamente, e se-
commeteu com a impetuosidade do raio o bandido
que mais se adiantara, e quebran-lhe a cõbega com
um tiro de pisiolo. O segundo quiz fugir, mas seu ca-
vallo mal podia andar esbofado' que estava. Reinaldo
tornou-o com facilidade, depois apeando-se e mos-
trando-lhe um punhal!

— Se confessares tudo, não morrerás!

— Que desejas saber? perguntou o bandido com
voz tremula.

— Como se chama aquello homem, vestido de escuro
que com a ponta dâ espada procura em vão instigar o
cavallo.

O bandido olhou para traz, na direçâao apontada por
Chaufontaine, e disse a meia voz:

— E' nosso chefo, o Sr. Matheus Oriscopp.

— Matheus! Ainda vivo depois da terrivel punhalada
que lhe dei?...

— Ah, foi o senhor? O golpe, se hem, que dado com
mão segura, resvalou sobre o esaco de pele de bufalo
que nosso chefo usa debaixo do gibô. A arma não o
serio senão de levo, mas elle, conhescendo que estava
perdiuto, deixou-so cahir, e fngiu-se morto.

— Ah, patife!

— Poupastes-me a vida, devo portanto dar um conse-
lho. Não caiaas mais entre as mãos de Matheus Oris-
copp... Sois acusado de haver assassinado D. Gaspar.
Se vos prenderem, enfocar-vos-ho logo.

— Obrigado.

Pâters estava vingado, Reinaldo sabia o que desejava
saber e Carquefou mostrava desejos de não esperar pelos
outros bandidos. Reinaldo pulou a cavallo e instantes

depois achava-se com Carquefou ao lado de Armando.
— Este paiz é insalubro para nós, disse Reinaldo.

— E o Sr. Matheus ressuscitou e vem ao nosso en-
contro, prosseguiu Carquefou.

Adriana empalideceu.

Reinaldo disse-lhe:

— Tranquilise-se, minha senhora, prometi a Ma-
theus meu punhal inteiro; tel-o-lhe.

Os fugitivos prosseguiram sua jornada até á noite, sem
mais incomodo. Mas so já não erâo perseguidos, nem
por isso havião cessado de todo o perigo. Antes de al-
vorecer, podia Matheus conseguir bons cavallos e man-
dar seus agentes por todos os lados em busca delles.
Reinaldo e Armando não estavam mais em França. As
torres d'IPandres eraa propriedade do imperador d'Al-
lemânhia. Era, portanto mister, procurar não cahir
nas garras da justiça. Os cinco cavalleiros mudrâo
cinco ou seis vozes de caminho, andrâo toda a noite
e chegariam por fim debaixo dos muros do una grande
cidade cujas portas se abrião.

Uma pinha de camponezes e de bofarinhieiros, con-
duzindo carretas e animais carregados de legumes, aco-
tovelavâo-se na estrada e entrovâo ruidosamente por
largas portas abertas em grossas muralhas.

— Entremos com elles, disse Carquefou; assim sa-
beremos onde estamos. Demais sempre pensei que a
gente se podia mais facilmente ocellular no meio de
uma multidão do que n'um deserto. N'uma varze,
não vejo uma arvor que não me pareça ser um facci-
nora!

— Entremos! disse Armando.

O joven de La Guerche olhava de soslaio para Adri-
ana, que se fingia calma.

Reinaldo bateu-lho no braço e mostrou silenciosamente
um grande brazo, colocado sobre a porta prin-
cipal, e no qual se vião, gravadas na pedra, duas mãos
cortadas. A cidade era Antuerpia.

— Ao porto, sem detenção! disse Armando.

(Continua).

MUITA ATTENÇÃO!!!

**O escriptorio da VIDA FLUMINENSE muda-se brevemente para a
Rua do Olivitor, N. 52, primeiro andar.**